

TABELA 1: PRINCIPAIS PRODUTORES DA AQUICULTURA MUNDIAL (2003-2011)

PAÍSES	2003 PRODUÇÃO (t)	2011 PRODUÇÃO (t)	CRESC. DA PRODUÇÃO	PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO
CHINA	33.663,593	50.173,139	49,04%	60,00%
INDONÉSIA	1.228,559	7.937,072	546,04%	9,47%
ÍNDIA	2.316,947	4.577,965	97,58%	5,46%
VIETNÃ	967,502	3.052,500	215,50%	3,64%
FILIPINAS	1.448,504	2.608,120	80,05%	3,11%
BANGLADESH	856,956	1.523,759	77,81%	1,81%
COREIA DO SUL	839,845	1.499,335	78,52%	1,79%
TAILÂNDIA	1.064,407	1.008,049	-5,29%	1,20%
CHILE	607,338	969,539	59,63%	1,15%
JAPÃO	1.301,794	906,518	-30,36%	1,08%
SUB-TOTAL	44.295,445	74.256,00	67,63%	88,71%
BRASIL	273,268	630,039	130,55%	0,75%
OUTROS	5.750,125	8.843,274	53,79%	10,54%
TOTAL	50.318,838	83.729,313	66,39%	100,00%

TABELA 2: PRINCIPAIS PRODUTORES DE CAMARÃO CULTIVADO (2003-2011)

PRINCIPAIS PRODUTORES (CARCINICULTURA)	2003 PRODUÇÃO (t)	2011 PRODUÇÃO (t)	CRESC. DA PRODUÇÃO
CHINA	687.628	1.555.384	126,20%
TAILÂNDIA	330.726	514.136	55,46%
VIETNÃ	231.717	496.000	114,05%
INDONÉSIA	191.148	399.544	109,02%
EQUADOR	77.400	260.000	235,92%
MÉXICO	45.857	109.816	139,47%
ÍNDIA	113.240	104.982	-7,29%
BANGLADESH	56.503	84.781	50,05
BRASIL	90.190	65.671	-27,19%
FILIPINAS	37.033	54.341	46,74%
AMÉRICA CENTRAL	85.169	104.102	22,23%
OUTROS	103.961	181.302	74,39%
TOTAL	2.050.572	3.930.059	91,66%



Fonte: FAO, abril, 2013 (incluindo plantas aquáticas)

não aptas para o consumo humano ou para a irrigação, vem criando amplas perspectivas para a interiorização dessa atividade, fortalecendo o desenvolvimento da pequena unidade de produção familiar, que já se constitui uma importante alternativa econômica de interiorização e diversificação das ações desenvolvimentistas, beneficiando as comunidades rurais do Nordeste, por meio de um alimento de fácil comercialização e grande apelo nutricional e gastronômico.

Na contramão de tudo isso, as importações de pescado da China pelo Brasil se destacaram de tal ordem que apenas em três anos, de 2009 a 2012, apresentaram um incremento de 900,99% em volume e 701,53% em valor. Por outro lado, os preços praticados merecem uma consideração especial, já que experimentaram aumentos de 452% (US\$ 0,52/kg/2005 para US\$ 2,87/kg/2012), cujo volume importado de janeiro a agosto de 2013 já atingiu 64.181 toneladas e US\$ 160,5 milhões.

De forma idêntica, as importações de pes-

cado do Vietnã, em 2012, predominantemente do *Pangasius sp*, cresceram 948,2% em volume e 144,44% em valor, em relação a 2009, enquanto que no mesmo período supracitado – de janeiro a agosto de 2013 – já corresponderam a 34.860 toneladas e US\$ 69,6 milhões.

Vale mencionar que nas importações globais de proteínas (US\$ 46,4 bilhões em 2011), o Brasil contribui com US\$ 15,8 bilhões (34%) e, nas importações mundiais de pescado de 2011 (US\$ 120 bilhões) a contribuição brasileira foi de apenas 0,21% (US\$ 250,9 milhões). No segmento de camarão, o valor das importações mundiais em 2011 foi de US\$ 14,9 bilhões, cuja participação do Brasil foi de apenas US\$ 900 mil.

As evidências aqui apresentadas e as oportunidades para o setor pesqueiro brasileiro devem ser analisadas sob a ótica de que a China, apesar de ter uma produção de pescado 50 vezes maior do que a do Brasil, já ocupa a terceira posição dentre os maiores importadores mundiais dessa *commodity*, cujo consumo *per capita* vem crescendo

exponencialmente nos últimos 30 anos, mas que está muito distante do patamar desejável pelos chineses. Por isso, alimentar a China será um desafio e uma oportunidade especial e de muito futuro para o Brasil.

Para confirmar, basta comparar a evolução do crescimento econômico chinês, com o respectivo consumo *per capita*/ano de pescado, onde se evidencia que, enquanto em 1980 o consumo médio foi de apenas 10 kg/*per capita*, nos anos de 2000 e 2010 estas cifras chegaram a 20 kg/*per capita* e 28 kg/*per capita*, respectivamente

Em realidade, a célebre indagação, “quem vai alimentar a China com pescado?”, não encontra resposta no contexto atual da produção setorial, pois o Brasil, considerado a principal fronteira capaz de atender o apetite chinês por pescado, ignora seus predicados naturais e biológicos, e continua deitado em berço, não mais tão esplêndido, mas profundamente adormecido, de forma que um universo de mais de 1.100.000 pescadores artesanais continua dependendo desesperadamente de um Seguro Defeso, que além do incentivo a ociosidade, tem se destacado pelas irregularidades e corrupção de agentes públicos setoriais, cujas previsões consumirá R\$ 2 bilhões em 2013.

As oportunidades estão postas, os agentes públicos vão priorizá-las e transformá-las em benefícios para nossa população? Ou vão continuar passivamente dificultando o desenvolvimento da promissora indústria aquícola brasileira? Com a resposta, os governantes, a classe política, os empresários, a academia e a sociedade, pagadora das contas, mas comodamente alienada ou indiferente.

Com a consciência do dever cumprido, com base em 40 anos de experiência e vivenciado conhecimento da realidade da aquicultura e da carcinicultura brasileira e mundial, esperamos que a análise dessas informações ajude a ampliar a base da resistência aos desmandos do setor pesqueiro brasileiro, tendo presente que já está sendo forjado nos subterrâneos da Secretaria de Monitoramento e Controle da Pesca e Aquicultura (Semoc) do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, Brasília/DF), várias Análises de Risco de Importação (ARI), para camarões e Tilápias cultivados, originários de dezenas de países, reconhecidamente portadores de doenças de notificação obrigatória pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE, sigla do inglês) e que não adotam os compromissos sociais, nem a mesma proteção trabalhista e ambiental, que os produtores brasileiros são submetidos. ■

ITAMAR ROCHA
É PRESIDENTE DA ABCC
ABCCAM@ABCCAM.COM.BR